



# BRINCADEIRAS INFANTIS NO ESTADO DE SÃO PAULO: UM ESTUDO DIATÓPICO E LÉXICO-SEMÂNTICO DE DENOMINAÇÕES PARA A “COBRA-CEGA”

CHILDREN’S AMUSEMENT IN THE STATE OF SÃO PAULO: A  
DIATOPIC AND LEXICIAN-SEMANTIC STUDY OF  
DENOMINATIONS FOR COBRA-CEGA

Beatriz Aparecida Alencar  
(IFMS, bia83\_12@hotmail.com/beatriz.alencar@ifms.edu.br)

Aparecida Negri Isquerdo  
(UFMS, aparecida.isquerdo@gmail.com/anegri.isquerdo@terra.com.br)

**Resumo:** Este estudo analisa as denominações obtidas para a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34), área semântica Jogos e Diversões Infantis. O universo da pesquisa compreendeu 188 inquéritos do Projeto ALiB realizados nas 37 localidades paulistas e 10 na área de controle, estas limítrofes à divisa estadual, com informantes selecionados segundo a metodologia do projeto ALiB. Para tanto, utilizaram-se os pressupostos da Dialetoлогия, da Lexicologia, da Semântica e da Etnolinguística, o que permitiu apurar que a variante cobra-cega foi a mais produtiva neste estudo, seguido por cabra-cega e que suas ocorrências se relacionam às características dos informantes e à história social das localidades em que foram documentadas.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия; Projeto ALiB; jogos e diversões infantis; cobra-cega; São Paulo.

---

**Abstract:** *This study analyzes the denominations learned from a play in which a child is blindfolded and tries to catch the others (COMITÊ NACIONAL..., 2001, p. 34), Semantic area Games and Children's Amusement. The research universe is composed of 188 surveys from the ALiB Project conducted in 37 places of São Paulo and 10 of the control area, bordering the state border, with selected informants according to an ALiB methodology. In order to do so, the assumptions of Dialectic, Lexicology, Semantics and Ethnolinguistics were used, which helped to establish the "cobra-cega" variant more productive in this study, followed for "cobra-cega" and that its occurrences are related to the characteristics of the informants and the social history of the places where they were documented.*

**Keywords:** *Dialectology; ALiB Project; Games and children's amusement; Cobra-cega; São Paulo.*

## "COBRA-CEGA"<sup>1</sup>: PANORAMA INICIAL E HISTÓRICO DA BRINCADEIRA

A importância dos entretenimentos infantis e, conseqüentemente, do lúdico, manifesta-se por meio de jogos e diversões, e suas realizações podem revelar aspectos da cultura de um grupo social, incluindo as escolhas lexicais utilizadas para nomeação dos diferentes brinquedos e brincadeiras que, por sua vez, acabam por influenciar a norma lexical das diferentes comunidades de falantes.

Considerando esse vocabulário, este trabalho tem como objetivo analisar as denominações para o conceito expresso na pergunta 161 do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), área semântica dos jogos e diversões infantis: "como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras" (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34), coletadas no estado de São Paulo, considerando as dimensões diatópica e léxico-semântica.

Para tanto, são examinados os dados coletados nas 37 localidades da rede de pontos do Projeto ALiB no Estado de São Paulo, além dos oriundos dos dez pontos limítrofes com a fronteira estadual, região considerada como área de controle neste estudo. Foram examinadas as respostas fornecidas por 188 informantes, quatro de cada uma das localidades investigadas, de ambos os sexos, de duas faixas etárias (18-30; 50-65), com Ensino Fundamental incompleto.

O estudo proposto pauta-se em pressupostos teóricos da Dialetoologia (CARDOSO, 2010) e da Lexicologia (BIDERMAN, 2001), ancorando-se também

---

<sup>1</sup> Para fins de organização, ao se referir à unidade lexical *cobra-cega*, a grafia foi indicada com destaque em itálico. Por seu turno, no que tange à brincadeira "cobra-cega", sua indicação foi realizada entre aspas.

---

em fundamentos da Semântica (COSERIU, 1979; POTTIER, 1968) e da Etnolinguística (SAPIR, 1969) para analisar as denominações fornecidas como resposta para a questão selecionada, como também para discutir as possíveis motivações para as escolhas lexicais realizadas pelos informantes. Além disso, têm-se como objetivos específicos: i) demonstrar, com base nos dados lexicais relacionados à questão investigada, a inter-relação entre léxico, cultura e a história social que singulariza o estado de São Paulo; ii) traçar possíveis áreas dialetais de uso das variantes lexicais documentadas; iii) verificar a produtividade das denominações; iv) possibilitar a comparação/cotejo dos dados com outros trabalhos concluídos nas localidades assinaladas e/ou adjacentes, como: 1) atlas linguísticos: do Paraná II (ALTINO, 2007); de Minas Gerais (RIBEIRO et al, 1977); Topodinâmico do Oeste de São Paulo (SANTOS-IKEUCHI, 2014) e 2) pesquisas dialetais, como: Brincando pelos caminhos do falar fluminense (SANTOS, 2016).

Tendo em vista a relevância das brincadeiras na formação social do indivíduo, a questão analisada foi escolhida por ser uma diversão de caráter popular e que ainda é bastante conhecida pelos adultos na atualidade, considerando o quantitativo de respostas obtidas quando da realização dos inquéritos coletados pela equipe do Projeto ALiB.

A “cobra-cega” é um entretenimento bastante antigo, com registros em diferentes épocas da existência humana. Segundo a Revista Super Interessante, há indícios da sua prática desde os anos 500 a.C.:

Acredita-se que a brincadeira, que já foi popular entre a criançada, tenha sido originada durante a Dinastia Zhou, da China, perto do ano 500 a.C. Na Idade Média e na Era Vitoriana, era um divertimento aristocrático: na Casa dos Tudor (dinastia inglesa que reinou entre 1485 e 1603), jogos de cobra-cega eram opção para recreação (REVISTA SUPER INTERESSANTE, 2017)<sup>2</sup>.

Quanto ao mundo latino, Câmara Cascudo (2012) refere-se ao Auto do Nascimento de Cristo e Edito do Imperador Augusto César (1667), que menciona a brincadeira em um diálogo dos personagens na obra portuguesa: “Fábio: Sea mucho en ora buena/Y qual ha de ser el juego?/ Mendo: Eu só sei a cobra-cega/ E mais o escondoirello” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 151).

---

<sup>2</sup> Informação disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/conheca-a-origem-de-6-brincadeiras-populares/>. Acesso em: 17 mar. 2018.

---

Ademais, no final do século XVIII, o artista espanhol Francisco Goya pinta a tela intitulada de “La gallina ciega” como encomenda para decorar o quarto das filhas de Carlos IV (1748-1819) e de Maria Luísa de Parma (1751-1818), no Palácio de El Pardo, em Madrid.

Na tela, o pintor reproduz um cenário da brincadeira realizada por membros de classes superiores<sup>3</sup>. Segundo informações disponíveis no site do Museu do Prado<sup>4</sup>, na época estavam na moda entre os aristocratas as diversões com jogos ou trajes das classes mais populares.

Ainda cabe citar informações sobre a diversão no Brasil: “no Denúncias da Bahia, 567, Pero de Moura, em outubro de 1592, aludo aos olhos fechados como a cobra-cega (ed. São Paulo, 1925)” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 151).

Considerando a área geográfica investigada, nota-se que o levantamento de dados foi bastante produtivo, pois foi obtido como resposta para a questão selecionada um número de 16 variantes lexicais, com um total de 176 ocorrências. Entretanto, houve 21 casos de ausência de resposta (20 no interior do estado e uma na área de controle)<sup>5</sup>.

Tendo em conta o alto número de denominações documentadas<sup>6</sup>, foram realizados alguns agrupamentos, que seguem, de modo geral, critérios lexicais, fonéticos, morfológicos e/ou associativos. Após a realização desse procedimento, quatro variantes lexicais foram listadas de acordo com a produtividade: *cobra-cega*, *cabra-cega*, *cego/cega*, *pega-pega*, às quais se acrescem as respostas indicadas como ocorrências únicas. No Quadro 1, a seguir, apresentam-se as variantes lexicais e os respectivos agrupamentos realizados:

---

<sup>3</sup> O fato de se referir a classes mais abastadas é comprovado pelo uso das vestimentas refinadas pelos participantes na tela.

<sup>4</sup> Informação disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-gallina-ciega/0e23d968-5a4a-426f-ab7b-075d1dc1c03b>. Acesso em: 22 mar. 2018.

<sup>5</sup> A ausência de resposta foi caracterizada pelas seguintes situações: i) não fornecimento por parte do informante de nome para designar a brincadeira; ii) problemas técnicos ocorridos durante o processo de gravação; iii) pergunta não realizada no inquérito por motivos diversos e iv) resposta fornecida pelo inquiridor durante a realização da entrevista.

<sup>6</sup> Boa parte das variantes lexicais obtidas são decorrentes de alterações fonéticas (omissão ou inserção de letras, sobretudo vogais).

**Quadro 1** – Agrupamento de variantes obtidas como respostas para “a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?”

<b>Variantes lexicais</b>	<b>Agrupamentos</b>
<i>cobra-cega</i>	cobra-cega, cobrinha cega, coba-cega.
<i>cabra-cega</i>	cabra-cega, caba-cega, capa cego.
<i>cego/cega</i> <sup>7</sup>	cego, cega, ceguinho, ceguinha, brincar de ceguinho.
<i>pega-pega</i>	pega-pega, mãe pega-pega.
Outras denominações com ocorrências únicas	esconde-esconde, gato mia <sup>8</sup> , Maria-cega.

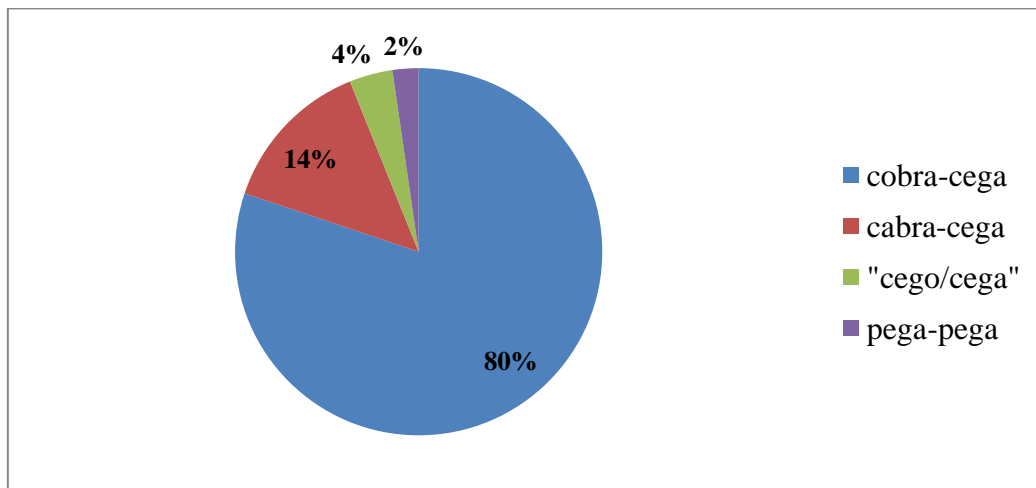
Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados do Projeto ALiB.

Na continuação deste texto, é discutida a produtividade das variantes cartografadas considerando as áreas investigadas como blocos (estado de São Paulo e área de controle).

## 1 “COBRA-CEGA”: PRODUTIVIDADE DAS VARIANTES CARTOGRAFADAS

De acordo com a produtividade da questão analisada, verifica-se a predominância da unidade lexical *cobra-cega* em toda a área pesquisada. No Gráfico 1 é possível visualizar os dados do interior do estado de São Paulo:

**Gráfico 1-** Produtividade das denominações para “cabra-cega” no interior de São Paulo



Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados do Projeto ALiB.

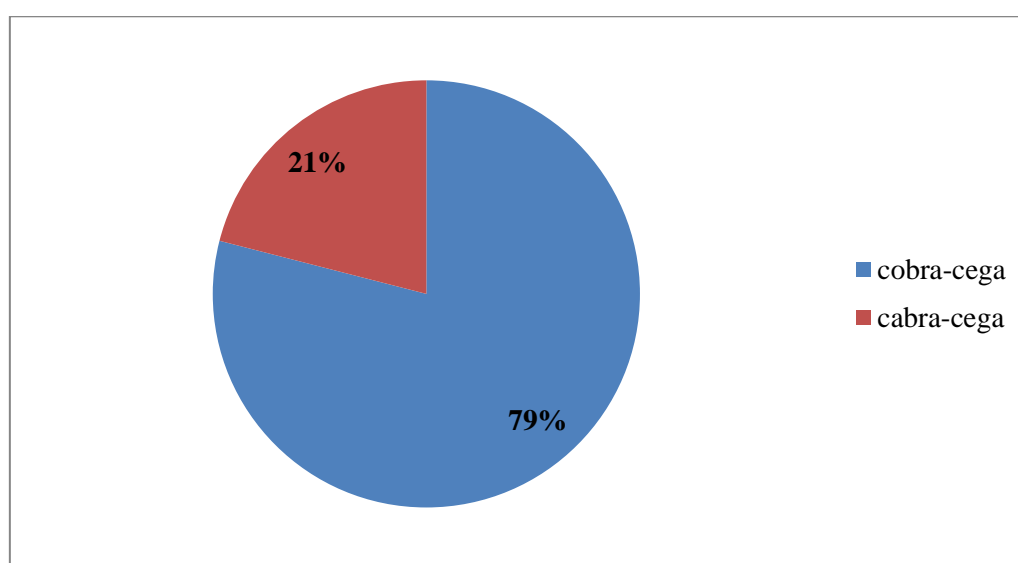
<sup>7</sup> Itens lexicais com o formante *cego/cega*.

<sup>8</sup> Outras respostas foram fornecidas pelos entrevistados como é o caso de *múmia*, provavelmente fornecida pelo fato de ela estar impossibilitada de ver, *tampa-caixão*, possivelmente associado à outra brincadeira *balança-caixão* e *que esse*, não passível de relação à brincadeira devido a insuficiência de informações na descrição fornecida pelo informante.

De acordo com os dados do Gráfico 1, vê-se que a maioria dos informantes do ALiB do interior do estado mencionou *cobra-cega* como nome da brincadeira em questão (80%), esta seguida por *cabra-cega*, segunda variante mais produtiva, com 14% de registros. Na sequência aparecem *cego* (4%) e *pega-pega* (2%).

Corroborando as informações já indicadas, na área de controle, os valores percentuais não sofrem grandes modificações. Por sua vez, apenas duas denominações foram produtivas nessas localidades, respectivamente: *cobra-cega* e *cabra-cega*. Veja o Gráfico 2, a seguir:

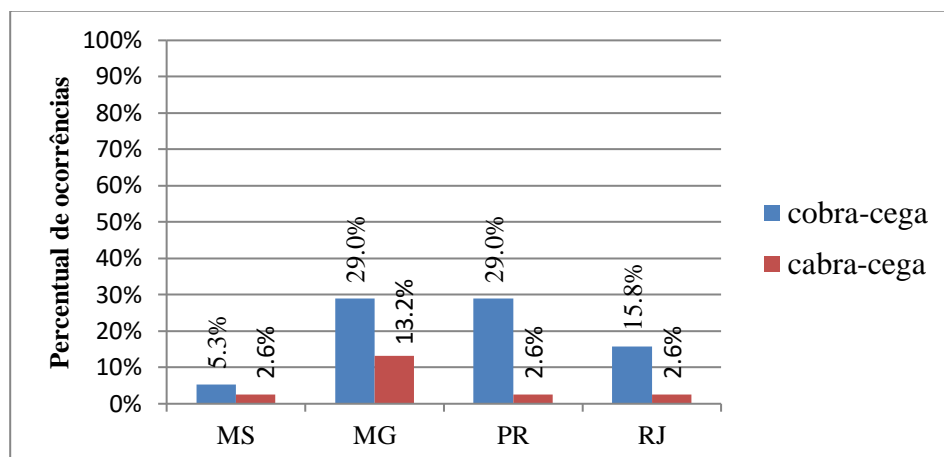
**Gráfico 2** - Produtividade das denominações para “cabra-cega” no conjunto da área de controle



Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados do Projeto ALiB.

Os dados dos Gráficos 1 e 2 atestam a supremacia da denominação *cobra-cega* como resposta mais produtiva para a questão 161/QSL/ALiB. Considerando os diferentes estados que compõem a área de controle, nota-se também a manutenção dessa unidade lexical como a mais produtiva.

**Gráfico 3** – Produtividade das denominações para “cobra-cega” segundo a unidade da federação/área de controle

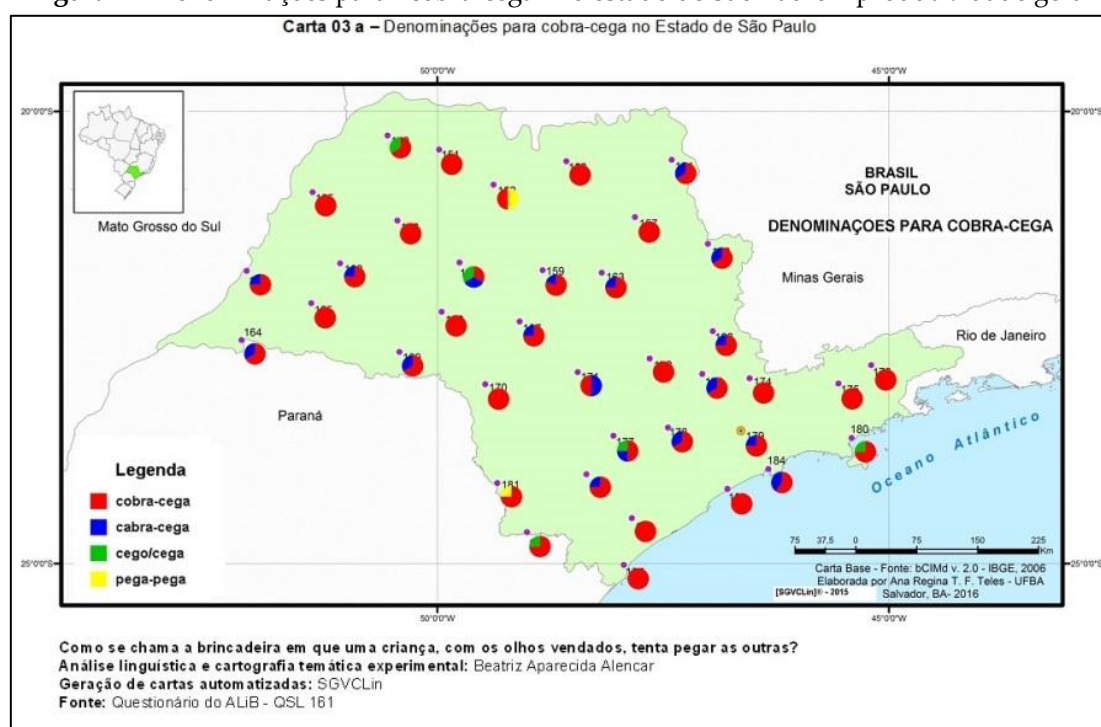


Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados do Projeto ALiB.

Além da superioridade de *cobra-cega* na área de controle, o Gráfico 3 indica que *cabra-cega* teve produtividade significativa apenas em Minas Gerais, alcançando 13,2% das ocorrências, contra os 2,6% obtidos nas outras unidades federativas.

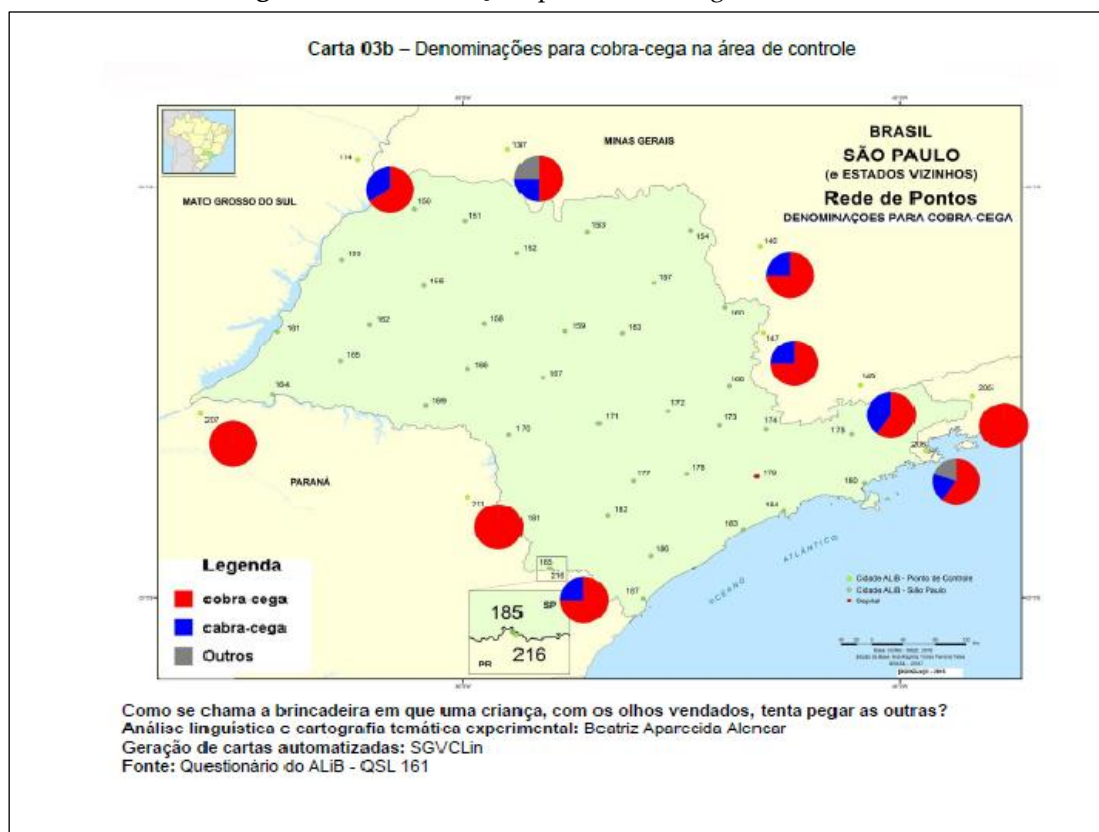
Tendo em vista esse panorama, visualize as Cartas linguísticas 3a e 3b, que exibem, respectivamente, a produtividade geral do universo pesquisado no estado de São Paulo (Figura 1) e área de controle (Figura 2), considerando as quatro variantes mais produtivas.

**Figura 1** – Denominações para “cobra-cega” no estado de São Paulo – produtividade geral



Fonte: Alencar (2018, p. 233).

Figura 2 – Denominações para “cobra-cega” na área de controle



Fonte: Alencar (2018, p. 235).

Após a visualização das cartas produzidas com os dados referentes à questão 161/QSL/ALiB, são discutidos os aspectos diatópicos referentes às denominações obtidas, com destaque para as unidades léxicas cartografadas.

## 2 ANÁLISE DIATÓPICA DAS DENOMINAÇÕES CARTOGRAFADAS

Esse cotejo é apresentado de acordo com a produtividade de cada variante em ordem decrescente, priorizando os dados obtidos no estado de São Paulo.

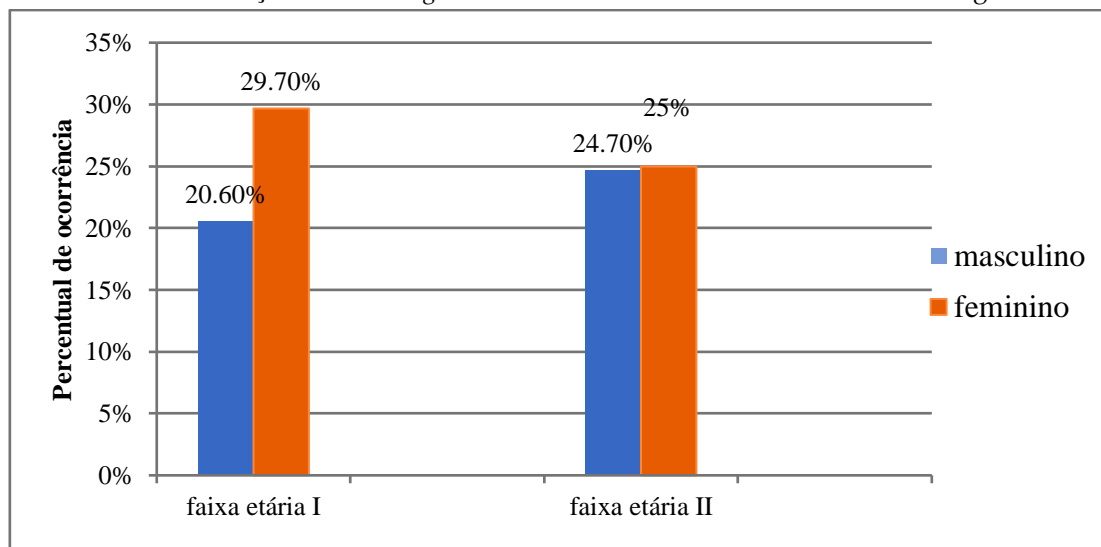
### 2.1 Unidade lexical: *cobra-cega*

*Cobra-cega*, como já informado, foi a denominação mais produtiva neste estudo, tendo sido documentada em todos os pontos de inquérito de São Paulo e da área de controle.



Quanto aos aspectos diassexuais, observa-se que essa denominação teve discreto predomínio de ocorrências entre informantes do sexo feminino (54,70%), como atesta o Gráfico 4:

Gráfico 4 – Realização de *cobra-cega* considerando as dimensões diassexual e diageracional



Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados do Projeto ALiB

De acordo com o Gráfico 4, também se percebe que a variante ocorre com percentuais muito próximos entre as duas faixas etárias. Esses valores, com bastante proximidade, revelam a vitalidade dessa variante nas localidades pesquisadas. Na sequência, discutem-se os dados sobre o item lexical *cabra-cega*.

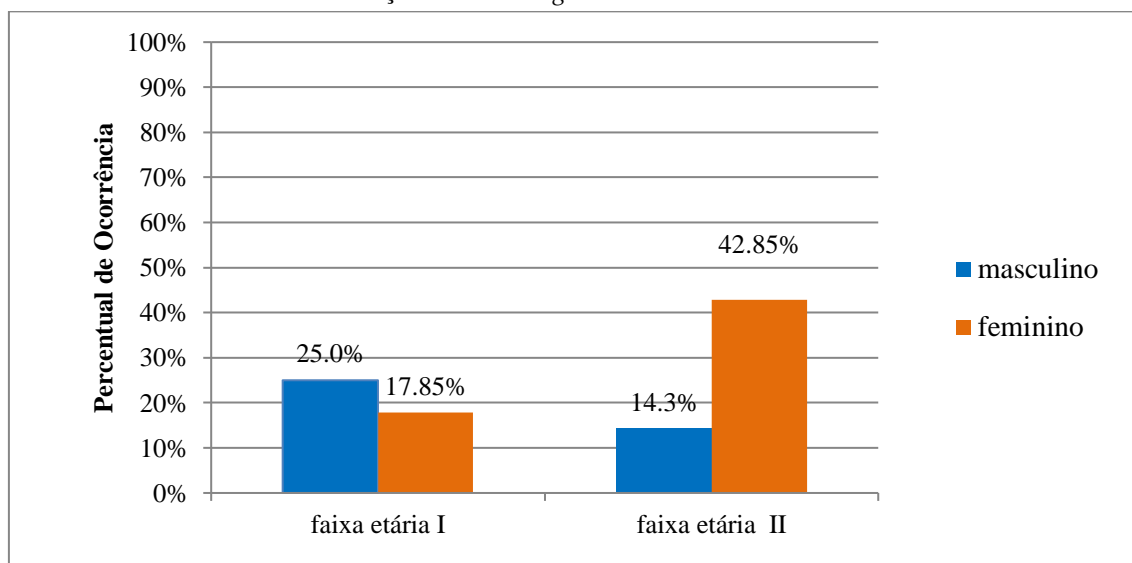
## 2.2 Unidade lexical: *cabra-cega*

*Cabra-cega* foi documentada em algumas localidades paulistas, sobretudo nas mesorregiões de Bauru, Campinas, Presidente Prudente e Metropolitana de São Paulo. Nesta, inclusive, esse designativo atingiu o maior índice de produtividade. Porém, nas demais localidades, registra apenas uma ocorrência por ponto de inquérito<sup>9</sup>. Essa situação também é recorrente em Minas Gerais, que documentou uma ocorrência de *cabra-cega* em cada ponto de inquérito. Nos demais estados houve apenas uma ocorrência para cada unidade federativa.

Quanto à variação diageracional e diassexual, informa-se que *cabra-cega* foi mais produtiva entre os informantes mais idosos (57%) e do sexo feminino (60%), conforme atesta o Gráfico 5:

<sup>9</sup> A denominação *cabra-cega* obteve duas ocorrências em Santos, nas demais localidades foi mencionada apenas por um informante.

**Gráfico 5** – Realização de *cabra-cega* considerando as dimensões sociais



Fonte: Elaboração das autoras com base nos dados do Projeto ALiB

Ao verificar o Gráfico 5, nota-se que a preferência pela designação recai sobre a faixa etária II, característica que pode indicar *cabra-cega* como uma variante mais antiga que *cobra-cega*. A seguir, discutem-se os dados sobre as denominações compostas com a base “cego/cega”.

### 2.3 Unidade lexical: cego/cega

Considerando as denominações com cego/cega<sup>10</sup>, nota-se que elas foram registradas em cinco municípios do interior paulista (Jales, Lins, Itapetininga, Caraguatatuba e Ribeira).

No que se refere às variações diageracionais e diassexuais<sup>11</sup>, a base *cego/cega* revelou resultados distintos dos indicados para as demais variantes já citadas, com maior número de registros entre os informantes do sexo masculino e da faixa etária II.

### 2.4 Unidade lexical: pega-pega

*Pega-pega* foi um item lexical pouco produtivo, tendo sendo fornecido apenas nas localidades paulistas de Itararé (181) e de São José do Rio Preto (152) e na área de controle apenas em Parati (206). Além disso, teve apenas uma

<sup>10</sup> Com a base *cego/cega* foram documentadas as seguintes denominações: cego, cega, ceguinho, ceguinha, brincar de ceguinho como já demonstrado. Entretanto, nenhuma delas foi recorrente, pois todas foram indicadas apenas uma vez e como primeira ou única resposta na localidade.

<sup>11</sup> Não foi produzido gráfico para visualizar o fenômeno devido à sua baixa produtividade.

ocorrência nessas cidades que estão geograficamente distantes, mas são marcadas por colonizações antigas (São José do Rio Preto - século XIX; Itapetininga - século XVIII<sup>12</sup> - e Parati - século XVII). Ademais, as duas localidades paulistas têm em comum o fato de estarem ligadas por linhas férreas, o que pode ter influenciado os processos migratórios que tenham disseminado a variante.

Cabe ainda assinalar que, apesar de nomear outra brincadeira (questão 162/QSL/ALiB), é recorrente o uso de *pega-pega* para responder a pergunta 161/QSL/ALiB. É o que ocorre com *pega-pega* no Atlas Linguístico do Brasil e se lê na carta L22 (CARDOSO et al, 2014, p. 313), que cartografa essa variante como a quarta denominação mais produtiva nas capitais brasileiras.

No que tange às variações diageracional e diassexual dos registros de *pega-pega*, nota-se que a variante foi denominação fornecida exclusivamente por informantes do sexo feminino, da faixa etária I.

## 2.5 Outras denominações

Os casos de ocorrências únicas foram reunidos no Quadro 2, a seguir, que informa a variante, a localidade/número do ponto e o perfil do informante que a menciona:

**Quadro 2** – Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 161/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes

<b>Variante</b>	<b>Localidade/n. do ponto</b>	<b>Perfil do informante</b>
<i>esconde-esconde</i>	Cananéia - 187	Homem, faixa etária II
<i>gato mia</i>	Assis - 169	Mulher, faixa etária I
<i>Maria-cega</i>	Campina Verde – 137	Homem, faixa etária II

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

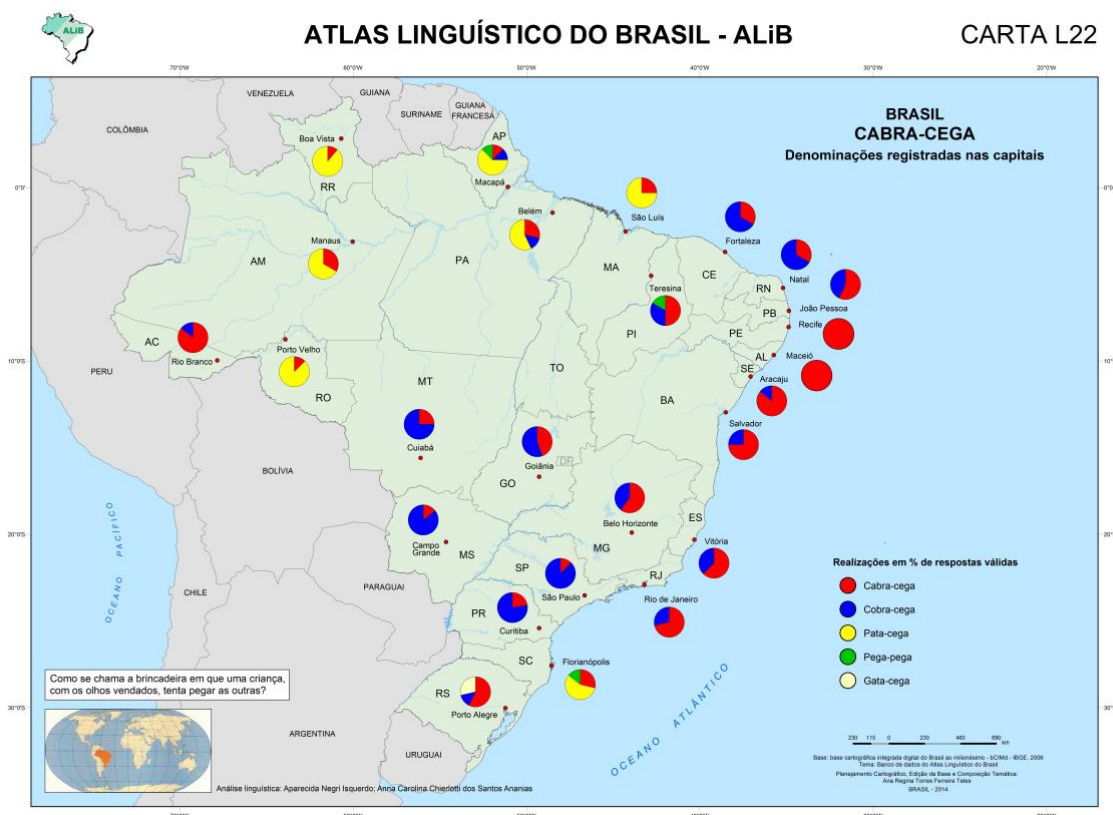
Verifica-se no Quadro 2 que as unidades lexicais com ocorrência única foram indicadas, em sua maioria, por informantes do sexo masculino, faixa etária II.

<sup>12</sup> A localidade 181 (Itararé) pertence à mesorregião de Itapetininga.

### 3 COMPARAÇÃO COM RESULTADOS DE OUTRAS PESQUISAS GEOLINGUÍSTICAS NA ÁREA INVESTIGADA

A julgar pelos dados nacionais registrados na carta L22 do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al, 2014, p. 313) que se referem às capitais brasileiras, a variante mais produtiva como resposta para “a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras” é *cabra-cega*, como revela a Figura 3:

Figura 3 - Carta L22 - “cabra-cega” – Brasil (capitais)



Fonte: Cardoso et al (2014, p. 313)

Apesar de *cabra-cega* ser a resposta mais produtiva no cenário nacional para a pergunta 161/QSL/ALiB, ao visualizar a carta L22 do ALiB (CARDOSO et al, 2014, p. 313), nota-se que as denominações *cobra-cega* e *cabra-cega* co-ocorrem em todas as capitais das regiões Sudeste e Centro-Oeste, ainda nas capitais litorâneas do Nordeste e na região Norte, em Rio Branco (AC). Além disso, destaca-se na carta a presença de *pega-pega* como a quarta variante mais produtiva nas capitais brasileiras.

A partir dos dados cartografados em outros trabalhos dialetais com pontos de inquérito no estado de São Paulo ou em localidades investigadas da área de controle, produziu-se o Quadro 3:

**Quadro 3 - Quadro-síntese das variantes cartografadas nos atlas linguísticos (São Paulo e área de controle)**

<b>Trabalhos/atlas</b>	<i>cobra-cega</i>	<i>cabra-cega</i>	<i>cego(a)</i> <sup>13</sup>	<i>pega-pega</i>
Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – carta 38 (RIBEIRO, 1977, s/p)	X	X		
Atlas Linguístico do Paraná II – carta 313 (ALTINO, 2007, s/p)	X	X	X	
Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – carta QSL464a (OLIVEIRA, 2007, p. 231)	X	X	X	
Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo – carta 081 (SANTOS-IKEUCHI, 2014, p. 297)	X	X		
Falar fluminense (SANTOS, 2016, p. 145)	X	X		
Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul - carta 306 (KOCH; ALTENHOFEN, KLASSMANN, 2011, p. 704)	X	X		

Fonte: Elaboração das autoras com base nos trabalhos/atlas consultados.

É possível observar no Quadro 3 que as denominações *cobra-cega* e *cabra-cega* encontram-se registradas em todos os trabalhos listados. Quanto aos demais designativos registrados, verifica-se que em sua maioria se referem a nomes de animais agrupados à base *cego(a)*:

- No Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – EALMG, há o registro das denominações *pata-cega* e *gata-cega*;
- No Atlas Linguístico do Paraná II- ALPR II, incluem-se as denominações *vaca-cega* e *gato(a)-cego(a)*;
- No Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul – ALMS, aparece uma maior variedade de respostas, como: *gato(a) cego (a)*, *galo-cego*, *vaca-cega*, *cabra-cega*, *ceguinho (a)*, *cobrinha-cega*;

<sup>13</sup> No Quadro 3 foram assinaladas apenas as denominações cartografadas como cego ou cega.

- 
- Na dissertação *Brincando pelos caminhos do falar fluminense*, há o acréscimo apenas da denominação *gata-cega*.

Igualmente, informa-se que *pega-pega* não foi cartografada em nenhum dos trabalhos indicados no Quadro 3. Na sequência, examinam-se as variantes produtivas para “cobra-cega”, considerando os aspectos léxico-semânticos.

#### 4 ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA

Para este tópico, as variantes foram agrupadas segundo processos associativos estabelecidos, conforme indicado no início deste texto. Para tanto, foram considerados a base comum em um conjunto de respostas ou mesmo alguma possibilidade de combinação, neste caso, priorizando-se o conteúdo expresso na pergunta analisada: 161/QSL/ALiB.

Ao examinar as respostas obtidas, observa-se que todas elas estão relacionadas a três semas da pergunta: “brincadeira”, pelo qual possivelmente o informante relacione a denominação a qualquer tipo de entretenimento (*esconde-esconde e gato mia*); “olhos vendados”, pelo fato de a criança não poder enxergar: *cegar (cobra-cega, cabra-cega e cego/cega)*, e “pegar”, associado a alguma ação realizada durante a brincadeira (*pega-pega*). Para as associações também foram consultados dicionários de língua portuguesa de diferentes épocas, o que demonstrou que algumas unidades léxicas estão documentadas, como atesta o Quadro 4:

**Quadro 4** - Dicionarização das unidades léxicas que nomeiam a brincadeira “cobra-cega”

Dicionários	Bluteau (1712-1728)	Silva (1813)	Aulete (2006)	Houaiss (2002)
<i>cabra-cega</i>	“Jogo de meninos, em que hum delles <b>com os olhos vendados</b> anda bufcando os outros, para pôr no feu lugar o primeiro, que apanhar. Andabatarion ludicrum, i. Neut. ou Ludus, i. Mafe. Aquelle, que nefte jogo faz a cabra-cega”.	“Jogo de moços, no <b>qual se tapão os olhos</b> a um, que <b>anda vendado</b> em quanto não apanha algum, que fique em seu lugar”.	“sf.1. <b>Brincadeira</b> de crianças em que uma delas, de <b>olhos vendados</b> , tenta <b>pegar</b> uma das outras, que a substituirá s2g.2. Aquele (ou aquela) participante da brincadeira que fica <b>vendado(a)</b> e tenta <b>pegar</b> algum dos outros[Pl.: cabras-cegas.]” <sup>14</sup>	“1712: substantivo feminino: 1. Rubrica: ludologia. Certo tipo de <b>brincadeira</b> infantil, em que um participante fica <b>vendado</b> e deve conseguir agarrar outro participante (e, em certas modalidades, identificá-lo) para ser por este substituído; batecondê; 3. participante <b>vendado</b> dessa brincadeira infantil”.
<i>pega-pega</i>			“3. O m. q. pique ( <b>brincadeira</b> infantil)”.	“Rubrica: ludologia. Regionalismo: Brasil. <b>Brincadeira infantil</b> em que uma das crianças deve correr atrás de outra(s) e <b>pegá-la(s)</b> , o que pode ser feito em qualquer lugar, com exceção de um ponto, escolhido de comum acordo,

<sup>14</sup> Em Aulete Online, há a indicação do verbete original: “cabra-cega: s. f. || Jogo ou folguedo de crianças em uma delas de olhos vendados, se esforça por apanhar, qualquer das outras para ser por ela substituída. Também lhe chamam galinha-cega. || Jogar a cabra-cega, (fig.) andar alguém às apalpadelas em um negócio em que outros veem claramente e procuram enganá-lo ||”.

				onde se está a salvo; pega-pega”.
<i>cego</i>	“Aquelle, que por vicio, & corrupção dos órgãos da vida, <b>não enxerga coufa alguma</b> ”.	“adj. Que <b>não ve</b> de todo em todo”.	“ <b>Privado da visão</b> ; organicamente incapaz de ver”.	“Adjetivo e substantivo masculino: que ou aquele <b>que é privado da visão</b> ”.

Fonte: Elaboração das autoras com base nos dicionários consultados

Embora a variante *gato mia* não esteja dicionarizada e, em alguns estudos, como o realizado por Friedmann (2014) sobre as brincadeiras, ela corresponda a outra atividade lúdica,<sup>15</sup> a descrição do informante atesta sua pertinência como sinônimo de *cobra-cega*:

INF.- Cabra-cega.

INQ.- Tem mais algum nome?

INF.- Gato-mia.

INQ.- É a mesma?

INF.- É.

INQ.- Qual que vocês falam mais aqui: cabra-cega ou como gato-mia?

INF.- Esconde-esconde.

INQ.- Que brinca mais, mas o da cabra-cega, dessa que fecha, venda os olhos assim, vocês chamam mais de cabra-cega ou de gato-mia?

INF.- Cabra-cega (Assis – ponto 169 – informante do sexo feminino, faixa etária I).

Ainda sobre esse excerto, ressalta-se que, pelo observado em outros trabalhos, as unidades lexicais *esconde-esconde*, *cobra-cega* e *pega-pega*<sup>16</sup> são recorrentes nas respostas para as três perguntas (161, 162 e 163/QSL/ALiB), o que talvez ocorra devido às características comuns entre as três brincadeiras. Outra possibilidade de se explicar o fenômeno pode ser o fato de o informante urbano, pela falta de convivência direta com o entretenimento, não estabelecer

<sup>15</sup> Friedmann (2014, p. 154) assim descreve a brincadeira: “apaga-se a luz do recinto e as crianças se calam. Uma das crianças, que foi sorteada antes, pergunta ‘gato mia?’, e quem responder tem que disfarçar a voz para que a outra (sorteada) não acerte quem respondeu” (FRIEDMANN, 2014, p. 154).

<sup>16</sup> *Pega-pega* foi registrada como resposta para a questão 161/QSL/ALiB nos trabalhos de Portilho (2013) e do ALiB (CARDOSO et al, 2014, p. 313). Em Ribeiro (2012), há o registro da ocorrência única *pega*.



diferenças entre elas, o que justificaria a mesma unidade lexical nomear as diferentes diversões infantis.

Ainda em comparação com dados obtidos em outros trabalhos dialetais que cartografaram o vocabulário dos jogos e diversões infantis com dados do Projeto ALiB em diferentes regiões do Brasil, verificou-se uma marca na nomeação da brincadeira formada a partir da presença do nome de um animal (zoomorfismo) associado a um qualificativo. Outros têm como base a palavra cego(a). E ainda, em alguns casos, o zoomorfismo combina o nome do animal com a falta de visão (cego).

Na sequência, o Quadro 5 exemplifica essas particularidades:

**Quadro 5-** Comparação entre as denominações para a brincadeira “cobra-cega” obtidas em estudos já realizados sobre o léxico das brincadeiras infantis

PESQUISAS	ZOOMORFISMO	CEGO	ZOOMORFISMO +BASE CEGO
<b>RIBEIRO (2012)</b>	<i>cobra</i>		<i>cabra-cega, cobra-cega gata-cega</i>
<b>PORTILHO (2013)</b>	<i>pata-choca barata-tonta</i>	<i>pira-cega nó-cego</i>	<i>cobra-cega, cabra-cega pata-cega</i>
<b>SANTOS (2016)</b>	<i>cobra-morta</i>	<i>brincar de cego tapa-cego</i>	<i>cabra-cega, cobra-cega gata-cega</i>
<b>ALENCAR (2018)</b>	<i>gato-mia</i>	<i>cego (a)</i>	<i>cobra-cega, cabra-cega</i>

Fonte: Elaboração das autoras com base nos trabalhos/atlas citados.

Ao analisar o alto número de denominações com a indicação das duas particularidades, é possível notar que a presença do nome do animal e a base *cega(o)* na nomeação da brincadeira foi mantida durante a “exportação” da brincadeira: como é o caso de *gallina ciega*, na Espanha, “[...] na “Itália, de Mosca cieca (‘mosca cega’); e na Alemanha, *Blindekuh* (‘vaca cega’)[...]”<sup>17</sup>.

Essa característica já foi destacada por outros trabalhos e também está descrita no Dicionário do Folclore Brasileiro (CÂMARA CASCUDO, 2012), verbete *cabra-cega*:

<sup>17</sup> Informação disponível em: <http://varievo.com/infantil/brincadeiras-de-crianca-cabra-cega>. Acesso em: 29 ago. 2018.

---

Jogo infantil, que consiste em uma criança vendada, a cabra-cega, agarrar uma outra que a substituía no posto. O mesmo que cobra-cega, batecondê (ver), etc. Muito comum em Portugal e Espanha, de onde veio para o continente americano. Rodrigo Caro, citado por Maria Cadilla de Martínez (Juegos y Canciones Infantiles de Puerto Rico, 76) informa ter sido jogo popular entre crianças da Roma Imperial, onde a denominavam musca aenea, chalké muia, na Grécia. É de fácil encontro no documentário da Idade Média e Renascimento. Em Espanha e América espanhola chamam-na La Gallina Ciega (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 151).

Considerando o cotejo com os dicionários e com os trabalhos dialetais, percebe-se, enfim, que a unidade lexical *cabra-cega* é a única registrada nos dicionários consultados. Já *cobra-cega*, *cego (a)*, *pega-pega*, *gato-mia* e *esconde-esconde* foram validadas em virtude da produtividade, por confirmação da resposta fornecida pelo informante ou pela presença em outros trabalhos dialetais já realizados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados discutidos, nota-se que a brincadeira “cobra-cega” se mantém no cotidiano dos brasileiros do Sudeste e faz parte das lembranças de infância dos brasileiros entrevistados, a julgar pelos nomes a ela atribuídos. Essa afirmação se baseia em alguns fatores: i) produtividade e distribuição diatópica dos dados discutidos, ii) baixo número de abstenções para a resposta assinalada e, iii) as variantes, de modo geral, ocorrem nas diferentes faixas etárias, sobretudo entre falantes do sexo feminino.

A variante mais produtiva neste estudo, *cobra-cega*, foi documentada tanto nos pontos de inquérito do estado de São Paulo quanto nos pertencentes à área de controle. A predominância dessa denominação também é documentada em outros trabalhos dialetais realizados no território investigado, como em Altino (2007), Oliveira (2007), Ribeiro (2012), Santos-Ikeuchi (2014) e Santos (2016). Já *cabra-cega* foi a segunda resposta mais produtiva, considerando-se os dados paulistas e da área de controle, tendo sido indicada como a mais recorrente em Ribeiro et al (1977) e em Cardoso et al (2014).

Quanto aos dados diageracionais e diassexuais, a unidade lexical *cobra-cega* foi mais produtiva no seguinte perfil: informantes do sexo feminino, faixa etária I, o que sugere que ela pode ser uma forma inovadora de nomear a brincadeira. Por seu turno, *cabra-cega* foi mais produtiva entre informantes do sexo feminino, faixa etária II.

---

Essa característica, aliada ao fato de as informantes saberem inclusive recitar os versos sobre a brincadeira, bem como a presença de *cabra-cega* em trabalhos dialetais mais antigos (RIBEIRO et al, 1977) e sua dicionarização em obras do século XVIII/XIX, podem evidenciar um processo de mudança linguística no que tange à preferência de determinada variante no decorrer do tempo para nomear o referente em causa.

Considerando as denominações em análise, nota-se que a presença de nomes de animais (zoomorfismo) é uma característica recorrente nas denominações obtidas para “cobra-cega”, muitos deles associados à base lexical “cego (a)”, como é o caso de *cobra-cega* e *cabra-cega*. Ressalta-se, todavia, que essa marca de zoomorfismo associado a base *cego(a)* é recorrente em outros trabalhos dialetais produzidos no Brasil, como também em outros países.

Já o item lexical *pega-pega* foi pouco produtivo e registrado em poucas localidades e com dois pontos comuns: i) colonização antiga e ii) união pelas vias ferroviárias<sup>18</sup>, o que pode ter influenciado o deslocamento de pessoas e, conseqüentemente, de algumas denominações.

Apesar de *pega-pega* ser um designativo para outro entretenimento infantil, está também registrada na carta L22 do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al, 2014, p. 313), que o indica como a quarta denominação mais produtiva nas capitais do país.

Para concluir, os dados demonstraram a estreita relação entre léxico e sociedade, e que “[...] o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes” (SAPIR, 1969, p. 45). Essa situação é evidenciada na disseminação da variante lexical *cobra-cega* como a mais produtiva em todo o território investigado, seguida pela denominação *cabra-cega*, assim como pela preferência de perfis específicos por algumas denominações, como é o caso dos informantes da faixa etária I, em sua maioria, que optaram pela denominação *cobra-cega*, e dos entrevistados da faixa etária II, que preferiram *cabra-cega*.

Essa característica, amparada pelos resultados desta estudo, também aponta para uma possível mudança em curso no decorrer das últimas décadas para nomear a brincadeira “cobra-cega”.

---

<sup>18</sup> Esse dado refere-se aos pontos de inquérito do estado de São Paulo em que a denominação foi registrada.

---

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Beatriz Aparecida. *O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo*. 2018. 575f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Três Lagoas.
- ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas Linguístico do Paraná II*. 2007. 691f. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Aulete Digital: Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2006. Disponível em: <http://aulete.com.br/>. Acesso em: 20 ago. 2018.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da Palavra. In: *Filologia e Língua Portuguesa*, São Paulo, Humanitas Publicações/FFLCH/USP, n. 02, p. 81-118, 1998.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: áulico, anatômico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, Suzana et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Cartas Linguísticas. Vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.
- CÂMARA CASCUDO, Luis. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Editora Global, 2012.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. 2 ed. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- COSERIU, Eugenio. *Teoria da Linguagem e Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- FRIEDMANN, Adriana. *A arte de brincar: brincadeiras e jogos tradicionais*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.
- KOCH, Walter; ALTENHOFENN; Cléo Vilson; KLASSMANN, Mário Silfredo (org). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Florianópolis, Editora da UFSC, 2011.
- SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portugueza*. 2 v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922. Fac-símile da segunda edição. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.
- MUSEO NACIONAL DEL PRADO. Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/obra-de-arte/la-gallina-ciega/0e23d968-5a4a-426f-ab7b-075d1dc1c03b> Acesso em: 22 mar. 2018.
- OLIVEIRA, Dercir (org). *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.

---

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir dos dados do Projeto ALiB*. 2013. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

POTTIER, Bernard. *Presentación de la lingüística: Fundamentos de una teoría*. Madrid: Ediciones Alcala, 1968.

REVISTA SUPER INTERESSANTE. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/conheca-a-origem-de-6-brincadeiras-populares/>. Acesso em: 17 mar. 2018.

RIBEIRO, José et al. *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*. 2012. 752 f. Tese (Doutorado em Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Leandro Almeida dos. *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*. 2016. 197 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS-IKEUCHI, Ariane Cardoso dos. *Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo*. 2014. 364f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Acadêmica, 1969.

SILVA, Antonio Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 2 v. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922. Fac-símile da segunda edição. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 28/02/2019.

Aprovado em sistema duplo cego em: 07/06/2019.